

Ana Gabriela Macedo\*

Universidade do Minho

# A Literatura Comparada não é um *no man's land*. Reflexões e inquietações quanto ao campo da disciplina<sup>1</sup>

Proponho-me neste breve texto reflectir sucintamente sobre o *state of the art* da disciplina em Portugal, através de um olhar, necessariamente pessoal, sobre alguns dos momentos da vida da Associação em que estive mais directamente envolvida, e que, por sua vez, se cruzam com e reflectem conceptualizações e inquietações quanto ao campo específico e ao objecto da disciplina, que notoriamente extravasam fronteiras geográficas e localismos.

Recordo assim que, após a fundação da APLC em Maio de 1987, no primeiro número da sua revista, a *Dedalus*, se afirma no seu Editorial (de Julho de 1988): "Neste terreno de estudos, sabemos como privilegiadamente a diferença se articula com a identidade, o específico e situado com as vastas determinações do comum e do universal. Porque a literatura Comparada é afinal, a literatura toda". Este Editorial é assinado por Maria Alzira Seixo, primeira Presidente da APLC, que viria a ser eleita, em 1991, no Congresso de Tóquio, Presidente da AILC, para um mandato de três anos.

Salientam-se ainda neste Editorial os seguintes conceitos e estratégias basilares desta área de estudos:

- 1- O confronto entre a reflexão individual e as orientações diferenciadas.
- 2- A divergência múltipla deste campo do saber.
- 3- O objectivo de uma determinação coesa orientada por uma matriz comum.
- 4- O confronto do específico e do situado com as vastas determinações do comum e do universal.
- 5- E, por fim, a afirmação, [que eu leio como um desafio], que a literatura comparada é a literatura toda.

Passo agora para um segundo momento que vivi de perto (ciente de que toda a leitura é parcial e informada por uma pertença), que foi a realização do 2º Congresso da APLC, no Porto, sob a coordenação da Professora Margarida Losa, então Presidente da APLC, e cuja comissão organizadora integrei. O Congresso teve lugar em Maio de 1995, sob o título *Literatura Comparada. Os Novos Paradigmas*. Gostaria de chamar a atenção para a Nota de Abertura do

volume de Actas do Congresso, da autoria de Margarida Losa, na qual se afirma:

Nós somos, de facto, por um lado, os generalistas da literatura. Por outro, porém, nós somos também os pesquisadores de minudências A literatura de todo o mundo e de todos os tempos é o nosso objecto de pesquisa. Para o tornar mais manuseável, nós estabelecemos áreas, segmentações da mais variada ordem. Analisa-se e compara-se em função de um termo de comparação. No estabelecimento desse *tertium comparationis*, no delimitá-lo e defini-lo teoricamente, está em grande medida a arte do comparatista. (1996: 11)

E, mais adiante, diz-se:

Hoje em dia, quando se fala, por um lado na aldeia global, e, por outro lado, na multiplicação dos conflitos regionais e na desagregação das nacionalidades, a Literatura Comparada assume-se como veículo privilegiado para a manutenção do diálogo entre todos. A cultura, o sonhar dos povos, persiste para além das fronteiras geográficas e políticas. (*Ibidem*)

Entre as afirmações de Maria Alzira Seixo e de Margarida Losa quanto ao objecto e objectivos da Literatura Comparada, parece-me ser grande a sintonia, tendo por base a afirmação de um vastíssimo campo de trabalho que se define sempre num contexto de relações, diálogos e vozes, prestando atenção à presença do "ruído do mundo" na literatura e, como tal, à profunda implicação desta no social.

Emana dos dois textos uma pertinente questão comum que importa trazer a este debate, reformulando-a enquanto pergunta: a amplitude, a vastidão do objecto da Literatura Comparada mantém-se? Será ainda válido, será ainda legítimo, falar nestes termos? Ou será que cada vez é mais das "minudências" que a Literatura Comparada se ocupa? Estaremos assim a perder de vista as "grandes questões", tais como, a literatura como espaço privilegiado de interacção (texto literário/ texto social) ou território de ressonância do "diálogo entre os povos", assim como da sua conflitualidade?

A Literatura Comparada estuda-se e ensina-se em várias Universidades portuguesas e há vários Centros de investigação no país cuja definição de universo de pesquisa se fundamenta no Comparativismo, nomeadamente o Centro de Estudos Comparatistas da FLUL, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da FLUP e, em larga medida, o Centro de Estudos Humanísticos da UMinho. Neste contexto, parece-me importante referir o trabalho que tem vindo a ser feito no sentido de uma cada vez mais ampla busca de "sentidos novos para o Comparativismo", por um cada vez maior grupo de jovens pesquisadores, associados aos vários centros de investigação do país, mestrandos, doutorandos, pós-doutorados, que têm trazido novas inquietações, novas matérias, novos olhares à disciplina. Disciplina esta que, por sua vez, me parece ser mais apto definir como uma "indisciplina" no sentido da sua cada vez maior ancoragem na intertextualidade e interface com outras áreas do saber (sejam elas as Poéticas Visuais e a Intermedialidade, os Estudos de Tradução, os Estudos Feministas e Queer,

a Tecnologia e os média, a Antropologia, etc.). Saliente-se ainda o entendimento da Literatura Comparada como um espaço "nómada do saber", no qual se enfatiza "o descentramento de lugares de origem, supostamente produtores de saber", nas palavras argutas da colega e investigadora brasileira Eneida Maria de Souza (1994: 22). "O verbo comparar", acrescenta a autora, "vai sofrendo, ao longo do tempo, modificações que desconstroem posições universalistas e limitações de ordem nacionalista" (*Ibidem*).

De modo igualmente pertinente e impactante, porque gerador de influência e de pensamento crítico, as publicações na área multiplicaram-se entre nós, contagiando-se de modo fértil – Revistas e Cadernos de Literatura Comparada editadas pelos próprios centros de investigação, empenhadas na difusão e alargamento do tal "espaço nómada do saber" e campo de possibilidades múltiplas, que a Literatura Comparada representa e reivindica para si, constituindo-se como matéria particularmente aliciante para os que, mais jovens, chegam ainda à Literatura hoje. Entre as várias publicações havidas, gostaria de salientar um importante trabalho, de natureza antológico, que tem sido feito. Desde logo, a *Floresta Encantada. Novos caminhos da literatura comparada* (organizada por Helena Buescu, João Ferreira Duarte e Manuel Gusmão), (2001), que oferece uma excelente simbiose de textos matriciais em tradução e textos originais em português, que assinalaram os "novos caminhos" do Comparativismo na viragem do século. Em matéria de antologias, e precisamente dando conta da polinização existente entre áreas de estudo próximas ou afins dos Estudos Comparatistas, importa referir o volume intitulado *Portugal Não É Um País Pequeno. Contar o império na pós-colonialidade*, organizado por Manuela Ribeiro Sanches (2006), que coloca em diálogo questões amplas de tradução cultural e comparativismo, implícitas na crítica pós-colonial e antropológica. Mais recentemente, a antologia *Estudos Comparatistas e Cosmopolitismo. Pós-colonialidade, Tradução, Arte e Género*, por mim organizada (2017), oferecendo um conjunto de textos oriundos das áreas referidas em tradução, buscando igualmente dar conta do seu cruzamento crítico e metodológico e da urgência de repensar as fronteiras dos saberes na contemporaneidade.<sup>2</sup> Impõe-se ainda referir um vasto projecto antológico com coordenação científica geral de Helena Carvalhão Buescu, iniciado em 2017 com os volumes *Literatura-Mundo Comparada, Perspectivas em Português – Mundos em Português* (Parte 1, Vols. 1 e 2, coordenada por Helena C. Buescu e Inocêncio Mata).<sup>3</sup> Este projecto tem seis volumes publicados, incidindo os primeiros sobre os países de língua portuguesa, a Europa e os restantes, outras geografias. Trata-se, segundo H. Buescu, não de oferecer um cânone de textos, mas um "modo de ler, em sintonia com o proposto por D. Damrosch na sua conceptualização de "Literatura-Mundo" (veja-se a nota 4). Porém, tal como sublinha a autora num artigo publicado na *Revista da Associação Brasileira de Literatura Comparada* (ABRALIC), "não há verdadeira Literatura-Mundo fora da Literatura Comparada", isto é, prossegue, "esta disciplina deve de facto ser muito mais do que uma lista de textos que procedem de sistemas literários diferentes, ou mesmo transcendem suas fronteiras" (Buescu 2017: 89. Itálico no original).

Uma pertinente questão a trazer a este debate será assim, se poderemos ainda perguntar-nos se existirão novíssimos caminhos da Literatura Comparada hoje? Ou, pelo contrário,

se a porosidade da disciplina denuncia uma (anunciada)<sup>4</sup> fragilidade estrutural? Ou ainda, haverá um pós-comparatismo? E, em caso afirmativo, qual/ quais serão estes? Muitos temeram pelo futuro do Comparatismo frente ao avanço dos Estudos de Tradução como disciplina, nomeadamente. O mesmo poderíamos pensar hoje face ao estabelecimento dos Estudos Pós-coloniais na academia, ou do entusiasmo crescente perante as Poéticas Visuais e a Intermedialidade, como campo de trabalho e objecto crítico. Estarão estas disciplinas a "usurpar" o lugar da Literatura Comparada hoje, nomeadamente entre os investigadores mais jovens?

Quanto a estas questões, que a meu ver traduzem uma fértil polémica em torno do território próprio da Literatura Comparada ou, melhor dizendo, dos Estudos Comparatistas, não se trata, creio, da imposição de novos discursos críticos como se de novos discursos hegemónicos se tratasse, ou mesmo da criação de contra-discursos no seio da própria teoria crítica, mas antes de os pensar como importantes "contrapontos" (na conceptualização de Edward Said 2001), fruto da necessidade de uma continuada e atenta aferição dos objectivos, cruzamentos e fronteiras da disciplina na contemporaneidade. E, ainda, entendê-los como sintomas objectivos da complexa teia de relações dialógicas sistémicas a nível da teoria crítica e do comparatismo, enquanto espaços "inquietos", em constante auto-indagação, que não podemos nem devemos ignorar, se queremos continuar a defender a contemporaneidade e flexibilidade deste (felizmente ainda jovem), campo de estudos.

Importa ainda ressaltar que foram, ao longo das últimas duas décadas, criados com grande sucesso novos cursos, particularmente ao nível da pós-graduação, Mestrados e Doutoramentos, em distintas Universidades portuguesas que atestam o impacto e atracção da disciplina entre os mais jovens. Será, portanto, legítimo dizermos que a transversalidade dos campos de pesquisa e o "descentramento" anteriormente referidos como características primordiais dos Estudos Comparatistas não são sintoma de fragilidade do campo ou de menor coesão da disciplina e do seu método, mas antes traduzem uma atitude positiva perante as Humanidades permanentemente "em crise", assumindo-a e confrontando-a.

Queria ainda brevemente referir a experiência de organização na Universidade do Minho do VI Congresso Nacional da APLC, que pela primeira vez aí se realizou em Novembro de 2008, focando o tema das "Cumplicidades Comparatistas. Origens, Influências, Resistências", e no qual o mote foi precisamente propor uma reflexão sobre o "nomadismo" da disciplina e as questões da inter e multidisciplinaridade; os novos desafios que a disciplina enfrenta num mundo global, face à desterritorialização do pensamento crítico, à rápida falibilidade dos discursos universalistas e homogeneizantes, e à necessidade do estabelecimento do conhecimento em rede. Deste Congresso, para além da publicação online integral das comunicações havidas, foi publicado um Dossier na revista *Diacrítica* do Centro de Estudos Humanísticos (2010), que dá a ler um substantivo conjunto de textos críticos da autoria de influentes estudiosos nacionais e internacionais do Comparatismo.<sup>5</sup>

O VIII Congresso da APLC teve lugar na Universidade de Évora, em Outubro de 2022 (tendo sido sucessivamente reagendado devido à pandemia Covid 19), em organização conjunta das

Universidades de Évora e Madeira, focando precisamente os impactos das diversas crises pandémicas sofridas pela Humanidade ao longo dos tempos: “Olhares cuzados.: representações das epidemias nas artes. Da catástrofe à resiliência”.

Por último, *last but not least*, queria reiterar que a APLC tem tido, enquanto Associação, um papel fulcral na dinamização das Humanidades em Portugal e na afirmação da sua visibilidade internacional que importa sem dúvida assinalar e preservar. Seria longa a lista de quantos, professores e investigadores, ajudaram ao estabelecimento e reconhecimento da disciplina entre nós e lutaram pela sua internacionalização. Alguns deles foram já aqui nomeados, outros já não estão entre nós, mas deixaram-nos um legado perene que saberemos honrar, muitos outros que não couberam neste breve texto, são igualmente merecedores do nosso reconhecimento. Pelos vários Congressos realizados em Portugal foram passando investigadores internacionais da mais elevada craveira, laços pessoais e profissionais foram-se estreitando, redes académicas e de investigação foram sendo criadas ao longo destes anos, que indubitavelmente foram cruciais para o crescimento da investigação comparatista realizada em Portugal.

Terminei, de novo numa nota pessoal, evocando dois académicos comparatistas de grande prestígio e geradores de profunda influência. Susan Bassnett, Professora Emérita de Literatura Comparada da Universidade de Warwick, onde fundou o *Centre for Translation and Comparative Cultural Studies*, em 1985, pioneira do debate crítico entre o campo dos Estudos Comparatistas e dos Estudos de Tradução, empenhada em evidenciar-lhes as conexões, mais do que as divergências.<sup>6</sup> No volume *Comparative Literature. A Critical Introduction* (1993),<sup>7</sup> Bassnett anuncia muitos dos axiomas que iriam tornar-se o centro do debate comparatista em anos vindouros: a noção de conhecimento em rede, inter e intra disciplinaridade, a contaminação dos campos e a porosidade das fronteiras dos saberes, os “travelling concepts” da metodologia crítica, o questionamento do ‘cânone comparatista’ e o conceito de *Weltliteratur/Literatura-Mundo*, que nos permite ler “para além das fronteiras”, penetrando no “grande espaço aberto da Literatura com maiúscula” (Bassnett 1993: 3). Nada disto seria possível sem o labor da tradução, acrescenta a autora, desde logo abrindo caminho para aquela que iria tornar-se a sua grande campanha a favor dos Estudos de Tradução.

Remeto por fim para Astradur Eysteinsson, scholar islandês, discípulo de Bassnett, igualmente estudioso do Comparatismo e da Tradução, que, num texto publicado no "Dossier de Literatura Comparada" acima referido da revista *Diacrítica* (2010) afirmou:

Comparative Literature, from this vantage point, is not a no-man's land. It is a cross-cultural and transnational way pf approaching, enjoying, and working with literary and other cultural texts (including visual signs) which link with the local scene wherever it may be. It can even be seen as a way of infiltrating that culture. It is a mode of rereading the local culture through foreign spectacles, while staying aware of the ways in which the local may bend the 'universal'. (Eysteinsson 2010: 36)

A Literatura Comparada não é, reitero, uma *terra de ninguém*, mas bem pelo contrário, como sugere risonhamente o colega islandês, uma espécie "infiltrada" na cultura local, qual contrabando que a alfândega da cultura local permissivamente deixa entrar nas suas fronteiras, constituindo-se assim como uma *wild zone*, ou porto franco literário e cultural.

## NOTAS

<sup>1</sup> Uma versão anterior deste texto foi originalmente publicada no n. 17/18 da Revista *Dedalus*, e resultou de uma intervenção minha numa mesa-redonda intitulada “Horizontes da Literatura Comparada”, realizada no contexto do VII Congresso da APLC, *Pensar o Comparatismo. Percursos, Impasses, Perspectivas*, que teve lugar na Universidade de Aveiro (2012). Agradeço ao Director da *Dedalus*, Prof. José Pedro Serra, a permissão para reprodução parcial do meu texto, na nova versão aqui apresentada.

<sup>2</sup> Não posso deixar de referir neste contexto uma antologia, em língua inglesa, organizada por Susan Stanford Friedman e Rita Felski, *Comparison. Theories, Approaches, Uses* (2013) que constituiu uma fundamental referência e inspiração para nós, e da qual traduzimos vários textos para a antologia referida, *Estudos Comparatistas e Cosmopolitismo*. Presto também aqui a minha homenagem à Professora Susan Stanford Friedman, notável académica, e de uma generosidade pessoal ímpar, com quem tive o privilégio de dialogar e aprender ao longo dos anos, falecida em 2023.

<sup>3</sup> Para mais informações sobre os primeiros volumes ver o Repositório da Universidade de Lisboa: <http://hdl.handle.net/10451/34765>

<sup>4</sup> A este título recordamos o famoso ensaio de Gayatri Spivak, *Death of a Discipline* (2003), preconizando o fim da disciplina tal como originalmente conceptualizada, face à necessidade de uma “nova vida” para este campo de estudos, confrontando os desafios sociais e éticos da globalização e as leis do mercado. Este debate viria a alastrar em torno do conceito de “World Literature”/ “Literatura Mundo”, instigantemente defendido por David Damrosch, desde logo em *What is World Literature?* (2003), no qual o autor afirma que a questão não é estabelecer um novo “cânone de textos”, mas antes propor um novo “modo de leitura”.

<sup>5</sup> Veja-se o “Dossier de Literatura Comparada”, Macedo, Ana Gabriela, (org), *Diacrítica*, 24/3.

<sup>6</sup> Veja-se nomeadamente o ensaio de Susan Bassnett, “From Comparative Literature to Translation Studies” (1993), traduzido por João Ferreira Duarte na antologia citada *Floresta Encantada*, “Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução” (289-313).

<sup>7</sup> Pela densidade conceptual e riqueza do debate crítico, veja-se a Introdução a este volume, intitulada “Introduction: What is Comparative Literature Today?” (1-11).

## Bibliografia

- Bassnett, Susan (1993), *Comparative Literature. A Critical Introduction*. Oxford, Blackwell.
- (2001), "Da Literatura Comparada aos Estudos de Tradução" [1993], in *Floresta Encantada. Novos caminhos da literatura comparada*, Buescu, H. et alli (org.), trad. João Ferreira Duarte: 289–313.
- Buescu, Helena/ Duarte, João Ferreira/ Gusmão, Manuel (orgs.) (2001), *Floresta Encantada. Novos caminhos da literatura comparada*. Lisboa, Dom Quixote.
- (2017), "Literatura-Mundo Comparada e os Mundos em Português", *Revista da ABRALIC*, Vol. 19, n. 32: 89–92
- / Mata, Inocência (coord.) (2017), [Coord. Científica Geral Helena C. Buescu], *Literatura-Mundo Comparada, Perspectivas em Português – Mundos em Português*. Parte 1, Vols. 1 e 2. Lisboa, Tinta da China.
- Damrosch, David (2003), *What is World Literature?*, Princeton, Princeton UP.
- Eysteinsson, Astradur (2010), "Working Across Borders Reflections on Comparative Literature and Translation", *Diacrítica* 24/3, "Dossier de Literatura Comparada": 31–44.
- Felski, Rita/ Stanford Friedman, Susan (eds.) (2013), *Comparison. Theories, Approaches, Uses*. New York, John Hopkins UP.
- Losa, Margarida L./ Sousa, Isménia de/ Vilas-Boas, Gonçalo, (orgs.) (1996), *Literatura Comparada: Os Novos Paradigmas*. Porto, Afrontamento.
- Macedo, Ana Gabriela (org.) (2017), *Estudos Comparatistas e Cosmopolitismo. Pós-colonialidade, Tradução, Arte e Género*. Famalicão, Húmus.
- (org.) (2010), "Dossier de Literatura Comparada", *Diacrítica*, 24/3. <http://ceh.ilch.uminho.pt/publicacoes/diacritica.php>
- Ribeiro Sanches, Manuela (org.) (2006), *Portugal Não É Um País Pequeno. Contar o império na pós-colonialidade*. Lisboa, Cotovia.
- Said, Edward (2001), *Reflections on Exile and Other Literary and Cultural Essays*, London, Granta.
- Souza, Eneida Maria de (1994), "A Literatura Comparada como espaço nômade do saber", *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.2, S. Paulo: 19–24.
- Spivak, Ch. Gayatri (2005), *Death of a Discipline*. New York, Columbia UP.